



Lucas Cardoso*

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal demonstrar o pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu e suas críticas ao pensamento escolástico ou ao denominado “pensamento puro” que a tradição filosófica perpetuou. A partir dos seus conceitos de habitus e campo, Bourdieu demonstra que não é por autonomia da “razão transcendental” ou do “sujeito do conhecimento” que o homem consegue elaborar os seus limites e o processo de conhecimento, mas tais circunstâncias são influenciadas pelo meio ao qual o sujeito está inserido.

Palavras-chave: Filosofia. Crítica. Habitus. Campo.

Pierre Bourdieu: the habitus incarnated in consciousness

ABSTRACT

The main objective of this research is to demonstrate the thought of sociologist Pierre Bourdieu and his criticisms of scholastic thought or the so-called “pure thought” that the philosophical tradition perpetuated. From his concept of habitus and field, Bourdieu demonstrates that it is not through the autonomy of “transcendental reason” or the “subject of knowledge” that man is able to elaborate his limits and the process of knowledge of thought, but such circumstances are influenced through which the subject is inserted.

Keywords: Philosophy. Criticism. Habitus. Field.

Pierre Bourdieu: o habitus encarnado na consciência

Kairós: Revista Acadêmica
da Prainha

ISSN: 1807-5096

e-ISSN: 2357-9420

Fortaleza,

v. 20, n. 1, 2024

* Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: lucas_2012cardoso@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5571353201018144>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-2836-361X>.

Introdução

Como se forma o pensamento do homem? Qual é a origem que possibilita o homem conceber o real na sua consciência? Pierre Bourdieu é um sociólogo que elaborou toda uma reflexão que pretende responder essas perguntas. Para ele, os homens não nascem com um “pensamento puro” ou determinado por questões transcendentais. O pensamento do indivíduo é “coagido” pela situação a qual ele está inserido, ou seja, as disposições sociais influenciam no pensamento – e nas escolhas – de determinado indivíduo.

Pierre Bourdieu elabora toda uma teoria sociológica que gira em torno dos conceitos de *habitus* e *campo*. Ele tem o intuito de esclarecer que a consciência do ser humano tem relação mediada pelo mundo. A realidade tal qual o sujeito está inserido condiciona, de certa forma, a sua maneira de entender os desdobramentos da existência. Não existe consciência pura, mas relacionada com o contexto em que está inscrita.

1 Crítica ao pensamento escolástico

Pierre Bourdieu (1930-2002) foi um sociólogo francês que influenciou o pensamento contemporâneo com suas críticas ao pensamento escolástico ou ao denominado “pensamento puro” ou “razão pura”. Esse pensamento defendia a ideia de que o homem possui toda a liberdade e autonomia para objetivar os limites e o conhecimento do pensamento em relação ao objeto (mundo/estado de coisas). Bourdieu faz uma crítica a esse pensamento, principalmente na obra *Meditações Pascalianas* (2001), onde a crítica é direcionada a tradição filosófica que deu ao pensamento uma referência que só é possível, segundo Bourdieu, por causa das *condições sociais* pelas quais o sujeito está inserido.

É necessário ressaltar de antemão que para o sociólogo francês, o sujeito é moldado pelo meio ao qual ele está “colocado” e não há uma “razão pura” do conhecimento que é capaz de conceber os alcances e os limites do pensamento. Esse “pensamento puro” ou razão escolástica é o nome do conceito que Bourdieu dá ao direcionamento pelo qual a filosofia – e os filósofos – foi conduzida ao longo da

tradição. Um pensamento que se esqueceu das condições sociais que os indivíduos estavam inseridos (CAMPOS, 2022, p. 7).

São, portanto, os filósofos, símbolos do “pensamento puro e da inteligência arrogante” os primeiros alvos de Pierre Bourdieu. A maioria dos seus livros faz uma crítica profunda à chamada “razão escolástica”. Enquanto a filosofia alemã tentava explicar o sentido do belo, do bom ou do mau gosto pessoal por um julgamento transcendental e subjetivo, ele procura mostrar que o gosto é uma construção social e que está ligado à posição ocupada num determinado campo, sendo revelador de maior ou menor prestígio (VALLE, 2007, p. 124).

Todos aqueles que acreditam em um “pensamento puro” dever-se-iam olhar as disposições que tornou esse pensamento possível: *as trajetórias sociais*. Não existe um pensamento imaculado, defende Bourdieu (2001, p. 12). O pensamento puro é caracterizado por um “recalque”, pois todo poder que se concebeu a esse pensamento deve intrinsecamente à condição social (CAMPOS, 2022, p. 7).

Para Bourdieu (2001, p. 146) não é mais possível levar em consideração a concepção do “sujeito” do conhecimento (da filosofia clássica kantiana) sobre os limites do pensamento ou as forças do conhecimento objetivo. Ao invés de conduzir o pensamento dessa maneira, Bourdieu aconselha-nos a buscar os objetos construídos pela própria ciência (espaço social) que deram as *condições que possibilitaram* ao “sujeito” sua atividade (BOURDIEU, 2001, p. 146). Não somente isso, Bourdieu (2014, p. 69) faz críticas aos teóricos que não têm como ponto de referência as disposições sociais:

Os teóricos podem discutir ao infinito, sejam eles da tradição marxista ou neofuncionalista, porque justamente não se faz essa conexão com as coisas do mundo real, da vida cotidiana, e porque existe uma espécie de *epochè*, como diriam os fenomenologistas, de colocação em suspenso de toda referência ao que acontece, que possibilita as discussões ditas “teóricas”. Infelizmente, esse estatuto da teoria é reforçado pelas expectativas sociais. Em todas as disciplinas, a teoria é posta mais alto que a empiria, que a experiência. Quanto mais os sábios se tornam célebres, mais se tornam “teóricos”.

Essa embarcação no pensamento teórico é uma ilusão que deve ser deixada de lado e olhada a partir das disposições que influenciam o sujeito. Assim, Bourdieu (2001, p. 14) coloca o sociólogo¹ como aquele que tem o privilégio de dizer as coisas

¹ De acordo com as considerações de Valle (2007, p. 125, grifos do autor): “Contra a maioria dos sociólogos do seu tempo, Pierre Bourdieu propõe o que chama de *estruturalismo construtivista*. Por

do mundo social, isto é, dizê-las como elas são a partir das condições em que estão inseridas. Essa atitude é exigente, uma vez quando há uma coletividade que ignora ou despreza o fator social. O sociólogo deve retirar “a miopia” que o pensamento puro colocou no homem.

Desta maneira, quando faz simplesmente o que tem de fazer, o sociólogo rompe com o círculo encantado da negação coletiva: ao trabalhar pela volta do que foi recalçado, ao tentar saber e fazer saber o que o universo do saber não quer saber, sobretudo a seu próprio respeito, o sociólogo assume o risco de aparecer como aquele que entrega o jogo (BOURDIEU, 2001, p. 14).

O que deve ser ressaltado é que de acordo com Palmeira² (*apud* LOYOLA, 2002, p. 58), os textos de Bourdieu não tinham o interesse de criar uma teoria geral do social. O mais importante era pensar sociologicamente o social, que é igualmente pensar a origem do conhecimento sobre o social. Não se deve buscar uma substância de determinado grupo ou lugar, mas pensar as relações que fazem com que esses ambientes existam (PALMEIRA *apud* LOYOLA, 2002, p. 58).

Nesse sentido, o autor elabora um conceito denominado de *Habitus* para fundamentar seu diagnóstico: os sujeitos não são conduzidos por um pensamento desencarnado, imaculado ou “puro”, mas um pensamento que resulta do meio ao qual ele faz parte.

2 O conceito de *habitus* em Pierre Bourdieu

Habitus é um conceito que tem uma longa tradição nas ciências humanas. É uma palavra latina que foi utilizada pela tradição escolástica traduzindo a noção de

estruturalismo, quer dizer que existe no mundo social, e não somente nos sistemas simbólicos, linguagens, mitos, estruturas objetivas, independentes da consciência ou da vontade dos agentes, capazes de orientar ou de impor suas práticas ou suas representações. Por construtivismo, entende que há uma gênese social tanto nos esquemas de percepção, de pensamento e de ação, quanto nas estruturas sociais”.

² “Conheci Pierre Bourdieu no final de 1966 [...]. Naquele momento, a sociologia francesa se dividia, de certo modo, entre os sociólogos fascinados com as pesquisas empíricas de corte funcionalista que se faziam nos Estados Unidos e aqueles que se diziam defensores da teoria, que no fundo talvez fossem mais filosofia do que sociologia. Os trabalhos de Bourdieu viriam não propriamente preencher uma lacuna entre a ‘teoria vazia’ e o ‘empirismo cego’, mas subverter esse quadro. Desde seus primeiros trabalhos, Bourdieu jogou muito forte em termos teóricos e sempre esteve se referindo a uma base empírica. Parece-me que o modo de articular teoria e pesquisa empírica talvez tenha sido a grande virada que ele provocou na sociologia francesa e, com o correr do tempo, nas ciências sociais por toda parte” (LOYOLA, 2002, p. 57-58).

heris, termo utilizado por Aristóteles para demonstrar o processo de aprendizagem, esclarece-nos Héron (*apud* SETTON, 2002, p. 61). Émile Durkheim, tempos posteriores, também utilizara esse conceito na sua obra *A evolução pedagógica* (SETTON, 2002, p. 61).

Em Pierre Bourdieu, a noção de *habitus* orienta quase toda a sua trajetória intelectual. O *habitus* será um dispositivo que possibilita o pensamento investigar o relacionamento, ou melhor, a mediação dos condicionamentos exteriores na subjetividade do sujeito. Destarte, o *habitus* não se caracteriza como um destino³, mas é uma marca da identificação social, um sistema que orienta conscientemente ou não as escolhas dos indivíduos⁴ (SETTON, 2002, p. 61). Não somente isso é um conceito que possibilita a conciliação da realidade exterior com a realidade individual. Mostra que é possível existir uma reciprocidade entre o mundo externo objetivo nas consciências subjetivas individuais (SETTON, 2002, p. 61).

O *habitus* preenche uma função que, em uma outra filosofia, confiamos à consciência transcendental: é um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo (BOURDIEU, 1996, p. 144).

O *habitus* é um produto da história que vai se constituindo como práticas individuais e coletivas. Ele possibilita a presença atuante das experiências passadas que são transpostas em cada indivíduo como formas de pensamento, percepção, etc. É um passado que sobrevive na atualidade e que pode se perpetuar pelas práticas estruturadas como princípio (BOURDIEU, 2009, p. 90).

Ele é, então, um sistema de percepção, apreciação e ação, ou seja, um agrupamento de conhecimentos adquiridos ao longo do tempo que oportuniza o sujeito a olhar, agir e crescer no ambiente que foi dado. Seria certa natureza

³ Bourdieu (*apud* Setton, 2002, p. 64): “O *habitus* não é destino, como se vê às vezes. Sendo produto da história, é um sistema de disposição aberto, que é incessantemente confrontado por experiências novas, e, assim, incessantemente afetado por elas”.

⁴ “Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de *disposições* duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente, ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro” (BOURDIEU, 2009, p. 87 grifos do autor).

inconsciente numa *perspectiva prática*. Sendo essa “prática” algo tão importante que Bourdieu coloca como título de algumas obras: *Esboço de uma teoria da prática* (1972); *Le sens pratique* (1980) e *Razões práticas* (1994) (LOYOLA, 2002, p. 68).

Nas *Meditações Pascalianas* (2001), percebe-se que Pierre Bourdieu tem uma noção específica da ação e da história. Ele afirma:

O princípio da ação não é um sujeito que se defrontaria com o mundo como se fosse um objeto numa relação de puro conhecimento, nem muito menos um “meio” capaz de exercer sobre o agente uma forma de causalidade mecânica; não se encontra na finalidade material ou simbólica da ação nem nas contrições do campo. Reside na cumplicidade entre dois estados do social, entre a história tornada corpo e a história tornada coisa, ou melhor, entre a história objetiva nas coisas, sob forma de estruturas e mecanismos (os do espaço social ou dos campos), e a história encarnada nos corpos, sob forma de *habitus*, cumplicidade que funda uma relação de participação quase mágica entre essas duas realizações (BOURDIEU, 2001, p. 183-184).

Bourdieu, na citação acima, mostra que há uma relação entre a história objetivada nas coisas e a história encarnada no *habitus*, sendo o *habitus* o resultado de uma aquisição histórica que faz uma apropriação do legado histórico. Não somente isso: as ciências históricas constituem um argumento notável para não deixar em pé os argumentos da “ilusão da transcendência” de uma razão trans-histórica e trans-pessoal, da forma elaborada por Kant ou Habermas⁵ (BOURDIEU, 2001, p. 146-149).

Bourdieu não negligencia a questão de os sujeitos estarem predispostos, por consequência do *habitus*, a agirem de certa forma e não de outra. Cultivarem certas preferências e determinados objetivos. O gosto dos homens não somente é resultado da subjetividade, mas de uma “objetividade interiorizada” que coloca “esquemas gerais” que orientam a escolha do mesmo (VALLE, 2007, p. 126). Percebe-se que Bourdieu admite que haja no mundo social estruturas objetivas que devem guiar ou influenciar a atitude dos agentes sociais.

Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e

⁵ Bourdieu mostra que as ciências históricas podem dissolver a tentativas de Kant ou de Habermas de salvar a razão dos acontecimentos históricos. Bourdieu (2001, p. 146) afirma: “[...] quer sob a forma clássica de que se revestia em Kant ou sob a forma renovada que lhe confere Habermas ao inscrever na linguagem as formas universais da razão, elas também permitem prolongar e radicalizar a intenção crítica do racionalismo kantiano, inculcar plena eficácia no esforço para arrancar a razão da história, ao contribuir para armar sociologicamente o exercício livre e generalizado de uma crítica epistemológica de todos por todos, emanando do próprio campo, isto é, decooperação conflituosa, mas regulamentada que a concorrência nele impõe”.

estruturantes (nas mentes), adquirindo nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano (SETTON, 2002, p. 63).

Não somente o conceito de *habitus*, mas o conceito de campo também é importante para entender os desdobramentos do pensamento de Bourdieu. Ambos os conceitos, relacionados entre si, como uma via de mão dupla.

3 O conceito de campo

Deve-se estar claro que Bourdieu pega do marxismo a noção de *capital* como relação social e a obtenção do poder econômico e faz novas considerações desse conceito, ampliando-o a novas perspectivas. Existem outras formas de riqueza, como a noção de um *capital cultural*, *capital social* e *capital simbólico*. Não somente o capital econômico é o fator das desigualdades sociais, mas as outras formas de capitais também postulam as relações de hierarquias e dominação (LOYOLA, 2002, p. 66). O *campo*, para Bourdieu, seria o local onde ocorrem as diversas relações de poder dessas diferentes formas de entender o mundo social.

Segundo Bourdieu (*apud* SETTON, 2002, p. 64), para entender plenamente o conceito de *habitus* é necessário compreender a noção de *campo*; ambos os conceitos são dependentes entre si. *Campo* é outro conceito que dá para Bourdieu um horizonte das relações entre grupos diferentes. É o local dos diferentes posicionamentos sociais, é o ambiente de jogo e luta pelo poder. Constitui-se como a forma diferente de entender o mundo social.

Para Bourdieu (*apud* SOUZA, 2007, p. 93), o *campo*⁶ tem como intuito a garantia do lucro científico, estabelecendo uma ação dos indivíduos como um espaço de interesse. Bourdieu olha o espaço social como aquele que tem relações objetivas,

⁶ De acordo com Loyola (2002, p. 66): “Com o seu conceito de *campo*, na expressão de Loic Wacquant (*Réponses*, 1992), Bourdieu fez explodir a noção oca da sociedade, conferindo-lhe nova configuração. Segundo ele, uma sociedade diferenciada não forma uma totalidade única, integrada por funções sistemáticas, uma cultura comum, conflitos entrecruzados ou uma autoridade global, mas consiste em um conjunto de espaços de jogos relativamente autônomos que não podem ser remetidos a uma lógica social única, seja aquela do capitalismo, da modernidade ou da pós-modernidade. Cada um desses espaços constitui um campo – econômico, político, cultural, científico, jornalístico, etc. –, ou seja, um sistema estruturado de forças objetivas, uma configuração relacional que, à maneira de um campo magnético, é dotado de uma gravidade específica, capaz de impor sua lógica a todos os agentes que penetram [...]. Como um prisma, todo campo refrata as forças externas, em função de sua estrutura interna”.

relações que não dependem da vontade ou de interesses individuais. O espaço social é o encontro das diferentes posições e cada um se define de acordo com a diferença com a qual se apresenta aos demais.

Um campo é também um espaço de conflitos e de concorrência no qual os concorrentes lutam para estabelecer o monopólio sobre a espécie específica do capital pertinente ao campo; a autoridade cultural, no campo artístico; a científica, no campo científico; etc. O que é valorizado num campo poderá ser depreciado em outro: os valores do campo dos negócios, por exemplo, onde predomina o capital econômico, são inversos àqueles do campo cultural, onde o que importa é a estima dos pares, o desinteresse aparente, a distância em relação aos valores mercantis. Um campo é, assim, um espaço de relações em movimento cujo estado o sociólogo deve permanentemente construir e/ou reconstruir (LOYOLA, 2002, p. 67-68).

De acordo com Araújo, Alvez e Cruz (*apud* DENSASCK; LOPES, 2016), o conceito de *habitus* e de *campo* estão ligados numa via de mão dupla. Os campos sendo os locais das disputas das relações de poder, onde os sujeitos lutam para a obtenção do capital, e o *habitus* como a classe ou posição que é ocupada pelo indivíduo. Os dois conceitos se resumem como questões relacionadas entre si com um diálogo recíproco, vezes uma sobressaindo sobre a outra, mas que no fim direcionam as atitudes dos sujeitos.

Considerações Finais

Pierre Bourdieu vai contra a tradição filosófica que depositou no pensamento puro toda a referência para conhecer os limites e o processo do conhecimento do homem em relação ao mundo. Bourdieu tem uma perspectiva que o homem não é fruto de um pensamento que seja limpo ou imaculado, porque o mesmo está introduzido dentro de um determinado local que acaba o condicionando.

O pensamento bourdieuniano esclarece que não há um pensamento imaculado ou puro; e todas essas manifestações são um erro que se perpetuou ao longo da tradição. O sociólogo, para Bourdieu, deveria ter a principal função de retirar os efeitos causados por essa ilusão e mostrar o real como ele é, isto é, que a vida do sujeito é condicionada pelo *habitus* ao qual a classe dele faz parte.

Com o seu conceito de *habitus*, Bourdieu pretende descrever que o sujeito está condicionado a escolher tais coisas ou tais preferências sobre a realidade não por

autonomia própria, mas por consequência das disposições sociais que possibilitaram tais reflexões. O *habitus* é um “carimbo” que marca a mente e os corpos dos sujeitos na ordem social. O sujeito que nasce em um determinado ambiente acaba interiorizando a compreensão externa, as disposições sociais que o moldam, consciente ou inconscientemente.

Não somente isso: Bourdieu diz que o local das disputas de poder e o choque entre os diferentes tipos de *habitus* é o campo. Os dois conceitos caminham juntos como uma via de mão dupla. O campo é o ambiente das relações das diferentes classes com os seus distintos *habitus*.

Conclui-se, portanto, que para Pierre Bourdieu, o homem deve levar em consideração não sua autonomia do pensamento “imaculado”, como a tradição filosófica acreditou, mas as disposições sociais que são incarnadas nos corpos por meio do *habitus*. São essas circunstâncias que fazem o homem ter certo tipo de personalidade, estética, pensamento.

Referências

ARAÚJO, F. M.; ALVES, E. M.; CRUZ, M. P. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de *habitus* na obra de pierre Bourdieu. **Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia**, Rio de Janeiro, v. 1 n. 1, p. 31-40, jan./jun. 2009.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Edição de Ana Paula Santo *et. al.* Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, P. **Sobre o estado**: curso no College de France (1989-92). Edição estabelecida por Patrick Champagne *et. al.* Tradução de Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

CAMPOS, N. de. Pierre Bourdieu e a questão dos intelectuais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, 2022, p. 1-18.

LOYOLA, M, A. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andéa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. (Col. Pensamento contemporâneo).

SETTON, M. da G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20, 2002, p. 60-70.

SOUZA, T. A. S. **O inato e o apreendido**: a noção de *habitus* na sociologia de Pierre Bourdieu. 2007. 208 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, Brasília, 2007.

VALLE, I. R. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan./abr. 2007.

Recebido: 10/02/2024
Aprovado: 24/04/2024